

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## HENRI COUDREAU E OS RELATOS EM REPRESENTAÇÃO A INDÍGENAS NA REGIÃO DO RIO BRANCO E A GUIANA INGLESA NO SÉCULO XIX

Daniel Montenegro Lapola<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Pará (UFPA)  
danielmontenegro78@gmail.com

**Resumo:** A serviço das colônias da marinha francesa o viajante explorador francês chamado Henri Anatole Coudreau, realizou expedições científicas na Amazônia Brasileira e nas Guianas, relatando sobre os indígenas, visando a expansão de conquista de territórios para a França. O desprendimento com o qual viveu e conviveu na floresta amazônica o elevou à categoria de etnógrafo e etnólogo por excelência, extremamente imbuído da missão de aventureiro no trabalho em que esteve dedicado. As riquezas nos detalhes dos relatos de Coudreau promoveu a interação com os habitantes indígenas, trazendo grande volume de informações que necessitam serem melhor estudadas. Também buscou através de seus levantamentos científicos, mapear e exigir direitos de territórios que se estendem do rio Araguari ao rio Branco, entre eles parte do Estado do Amapá que traria a posse de acesso ao rio Amazonas aos franceses. Portanto, o objetivo de revisitar estes relatos em representação a indígenas na Amazônia é trazer à tona costumes, atividade, estilo de vida e de época do século XIX, tão esquecidos nos arquivos e prateleiras das bibliotecas.

**Palavras chave:** Viajante; indígenas; rio Branco; Guiana Inglesa.

### Introdução

Baseado na linha teórica historiográfica de Peter Burke no estudo da história cultural das representações de narrativas, analisamos a relação dos europeus junto aos indígenas, as alianças e estratégias utilizadas através da investigação científica para servir aos interesses demarcatórios e de ocupação de terras do país patrocinador no empreendimento na fronteira entre o extremo norte do Brasil com a Guiana Inglesa, penetrada na região da Amazônia Caribenha das Guianas.

Os historiadores sociais radicais rejeitavam a narrativa porque a associavam muito destaque a líderes políticos ou militares ao invés de homens e mulheres comuns. Mas a narrativa retornou cada vez mais com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentidos as suas experiências, suas vidas e seus mundos (BURKE, 2005).

---

<sup>1</sup>Doutorando em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e Graduado em História na Universidade Estadual Paulista (UNESP). [danielmontenegro78@gmail.com](mailto:danielmontenegro78@gmail.com)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

Segundo Peter Burke (2005), os estudos sobre as histórias das viagens muitas vezes focalizam a maneira estereotipada pela qual uma cultura não familiar é descrita pelo viajante, por isso a busca por novas formas de narrativas para lidar com a história. Dentre essas novas formas tem como exemplo Jörn Rüsen (2010) no estudo das narrativas que para representações existirem é importante o historiador reconhecer o local e a época de suas pretensões e validades, como para Michel de Certeau (1982) quando articular com um lugar social da operação científica com relação aos modelos culturais, deve existir aí representação.

Os viajantes ocidentais fizeram representações em narrativas com os indígenas da família linguística Karib (Macuxi, Wai Wai) e Arawak (Wapichana) no século XIX, isto nos faz pensar que:

O termo “descoberta” é equivoco e inaplicável, mas a sua substituição por eufemismos como “encontro de culturas” ou “encontro de civilizações” pode ser inócua se deixar intocadas as regras de sintaxe e os pressupostos do discurso colonial. O mesmo destino, aliás, estará reservado a um anti-discurso (como falar em “invasão”) se não conduzir a uma crítica profunda das certezas e atitudes naturalizadas na narrativa convencional (OLIVEIRA, 2016, p.48).

João Pacheco de Oliveira (2016) neste trecho trabalha com a dialética (contradição) marxista, pois os discursos coloniais, como o convencional sem provas, podem induzir ao erro, portanto escolhemos o termo contato. De um lado, o equívoco “descoberta”, se eles já moravam no local, do outro o termo “invasão” sem a certeza que houve aceitação do contato dos indígenas com os viajantes ocidentais, para as trocas comerciais, religião cristã, proteção e tutela (OLIVEIRA, 2016).

Neste momento inicial da colonização notamos um posicionamento mais ameno do colonizador para depois a relação desse contato mudar para a desigualdade sobre isso vemos em Todorov (1983) a descoberta que o eu colonizador faz do outro colonizado, rivaliza o olhar dos viajantes europeus no continente da América do Sul. Todorov foi um incentivador dos estudos coloniais da América, trouxe a conquista dela para demonstrar a relação hierárquica entre colonizador e colonizado em que o eu colonizador vai narrar o outro colonizado como inferior.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

Seguindo estes rastros teóricos nos situamos no território de fronteira no extremo norte brasileiro com Nádia Farage (1991) que em “Muralhas do Sertão” se referiu aos indígenas como protetores de invasores estrangeiros da região do rio Branco pertencentes a Portugal:

Para além do interesse humano que pudesse oferecer a região tratava-se nesse primeiro momento, para os portugueses de formar no rio Branco uma barreira humana; desta perspectiva, a submissão dos índios, como vimos, premissa fundamental do projeto colonizador português para Amazônia (FARAGE, 1991, p.128).

O termo “Muralhas dos Sertões”, referiu os indígenas como barreira de proteção do território, encontramos isto no Parecer do Conselho Ultramarino datado em 20 de dezembro de 1695:

Que sobre estes avisos lhe parecia dizer a V. Magde. a exemplo do cuidado dos Castelhanos, e mais estrangeiros se devia pôr todo cuidado possível, para que Indios daquelas partes se pratiquem por Missionarios Portuguezes, como todos eles os têm pedido, e lhos pedirão reconhecendosse por Vassallos desta Coroa; porque os gentios são as muralhas dos Certoes (Parecer do Conselho Ultramarino nº6, 20.12.1695, p.13).

Isto evidencia a grande importância dos europeus terem como aliados os indígenas para defender as fronteiras, contra o ataque de outros países adversários, que também se utilizavam de indígenas como aliados, após estes exemplos, damos seguimento analisando o viajante escolhido.

A serviço da França, Henri Coudreau, realizou expedição científica na Amazônia Brasileira e nas Guianas, visando a expansão do território colonial francês. Em razão do desprendimento com o qual viveu e conviveu na floresta amazônica, Coudreau pode ser considerado um etnógrafo, embora também estivesse imbuído da missão de aventureiro no trabalho em que estava dedicado (CARDOSO, 2014). Os relatos detalhados de Coudreau sobre os habitantes indígenas, trazem grande volume de informações, que necessitam ser melhor estudadas. Ele também, buscou através de seus levantamentos científicos, mapear e justificar supostos direitos franceses sobre territórios que se estendem do rio Araguari ao rio Branco, os quais colocariam sob controle da França o acesso ao rio Amazonas.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

As riquezas nos detalhes dos relatos de Coudreau promoveu a interação com os habitantes indígenas, trazendo grande volume de informações que necessitam serem melhor estudadas. Portanto, Coudreau esteve buscando através de seus levantamentos científicos, mapear e exigir direitos de territórios que se estendem do rio Araguari ao rio Branco, entre eles parte do Estado do Amapá, que traria a posse de acesso ao rio Amazonas aos franceses. Mais tarde rompe com a França e passa a prestar serviço para o governo do Pará no Brasil.

## **Henri Coudreau, entre os Macuxi e Wai Wai no rio Branco e na Guiana Inglesa**

Henri Anatole Coudreau, (6 de maio de 1859, Sonac-França -9 de novembro de 1899, Estado do Pará/Brasil). Professor de História e de Geografia foi, em 1881, com a idade de 21 anos, enviado à América do Sul, como professor no Liceu de Caiena, tendo antes exercido por pouco tempo o magistério em Reims (RBG, 1943). Em 1883 seus desejos foram satisfeitos. A serviço do Ministério da Marinha e das Colônias, estudou numa primeira missão, nos anos de 1883, 1884 e 1885, os imensos territórios, então contestados, entre a Guiana Francesa e o Brasil (COUDREAU, 1940).

Henri Coudreau, fez parte de uma estirpe de geógrafos viajantes, profissionais a serviço dos interesses de diferentes Estados, foi contratado tanto pela França quanto pelo governo brasileiro (ROMANI, 2013). Partindo da Aldeia de Counani, passou depois ao rio Branco indo até o rio Negro permanecendo, nessa viagem de estudos, dois anos cheios de aventuras, sozinho entre os naturais da região (ROMANI, 2013).

Local que está em contato e penetrado na Amazônia Caribenha das Guianas é a região do rio Branco do lado brasileiro. “Os povos indígenas na região de campos e serras do médio e alto rio Branco que representa a porção nordeste do estado de Roraima, fronteira à República da Guiana, com especial referência à ocupação de suas terras” (FARAGE; SANTILLI, 1992, p.267). Esta área é habitada pelos Macuxi, Wapixana, Ingarikó, Taurepang e Wai Wai.

“A complexidade geográfica desenhada pelo planalto das Guianas, pelas serras Pacaraima com o Monte Roraima, Parima, Tumucumaque e outras de pequeno porte,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

marca os limites das fronteiras nacionais e internacionais nessa Ilha” (OLIVEIRA, 2014, p.10). Os dois principais troncos linguísticos Karíb (Macuxi, Wai Wai, Taurepang e Ingarikó) e Arawak (Wapishana), com diferentes famílias indígenas e distintas relações socioculturais nas terras das Guianas e nas ilhas do mar Caribe, incorporaram elementos específicos tais como relações comerciais e organizações de parentesco.

Nesta articulação sociocultural e regional, os povos indígenas Karíb e Arawak desempenharam papel fundamental como conhecedores das diferentes trilhas (aquáticas e terrestres) e produtores de alimentos, em especial a conhecida culinária da mandioca. “Para o europeu que chegava nessa região desconhecida e ocupava a terra como sua propriedade, ele tomava posse também do índio que era visto como parte da terra e era um bem a mais a ser explorado” (OLIVEIRA, 2014, pp.5-6).

Sua segunda missão durou ainda dois anos (maio de 1887 a abril de 1889), percorreu um itinerário de 4.000 quilômetros, realizou levantamentos considerados completos do rio Oiapoque, do Maroni e do Moronini, da embocadura à nascente. Viajou bastante em terras brasileiras, fazendo levantamentos, inclusive percorreu grandes trechos caminhando. Em seu intenso deslocamento encontrou no rio Branco os indígenas Wai Wai nas fronteiras entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

Henri Coudreau (1886), acabou em seus relatos comparando os indígenas selvagens como orgulhosos e os civilizados menos sensíveis em relações a trocas e mercadorias, chamando os estes últimos de mendigos superlativos, podemos notar nele um gesto mais etnocêntrico, preconceituoso, do que os relatos mencionados por Schomburgk sobre a sujeira e falta de higiene os indígenas Waaccawai e Warau. Notamos também alteridade pelo indígena civilizado e o interesse maior pelo indígena selvagem (puro), devida a influência de Coudreau pelo filósofo Rousseau através do “mito do bom selvagem” ao costume da época, visto o indígena como exótico natural e questões mais complexas, baseadas no interesse.

Seguimos, com o relato em que Coudreau, traz a localização dos Wai Wai:

Les Ouayoués habitent le bassin moyen du Mapouerre. Les Ouayeoués sont une des tribus les plus nombreuses de la contrée. Le haut du bassin du Mapouerre et du Tarouéné est habité par trois tribus mansas comme toutes les précédentes: les Tarims, les Jappis et les Toucanos. Dans le bassin du

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

Coroucouri habitent, non sur le rives du cours d'eau mais dans le forêts de l'intérieur, trois autres tribus mansas, les Yaous, les Nères et les Coudois. Détail très important: aucune de ces tribus n'a de pirogues. Au sud des tribus du Couroucouri et à l'est des Ouayeoués habitent les Piannocotes, grande tribu mansa, dont les territoires s'étendent des Ouayeoués aux Ouayanas (COUDREAU, 1886, p.90-91).<sup>2</sup>

Além da localização, relatou os Wai Wai como mansos e descreveu que nenhuma dessas etnias mencionadas usavam canoas em suas observações na época. Em sua expedição de 1884-1885, registrou várias ligações comerciais dos Wai Wai com os Wapixana, Atroari e Tarumá do Norte, com os Pianokoto a Leste e com os Mawayana, Xerew, Japii, Tukano e Tarim ao sul e sudeste (HOWARD, 2002). Relações também constatadas nos relatos dos viajantes Schomburgk e Brown. Alguns desses grupos consideravam-se “clientes” dos Wai Wai e às vezes até se referiam a si mesmo como Wai Wai (COUDREAU, 1886), o que sugere que, anteriormente, os intercâmbios entre os quais trocas, casamentos e rituais, representavam vínculos de influência política e assimilação social.

Henri Coudreau (1887), viajou de Manaus a Boa Vista de Batelão que é uma categoria de barco exclusivo para transportar o gado, que podem levar de dez a trinta bois. Composto de oito a dez homens, quase sempre indígenas Macuxi do alto rio Branco, e um patrão, Coudreau, reparou que o gado na longa viagem emagrece consideravelmente ou morre em grande proporção, o barco só atracou uma vez de Boa Vista a Manaus. Menciona o trabalho do indígena que vai cortar o capim (erva) para dar de comida aos bois. A tripulação do barco de Manaus para Boa Vista era composta de cinco indígenas que remavam. Os homens eram bem tratados: café da manhã, chá à noite, boa farinha, carne seca, cachaça (COUDREAU, 1887).

Coudreau, também relatou maus tratos e castigo a indígenas fugitivos desta sua viagem de Manaus à Boa Vista:

---

<sup>2</sup> Tradução do autor: Os Wai Wai habitam a bacia média de Mapuera. Os Wai Wai são uma das muitas tribos da pelve do país. A parte superior do Mapuera e Trombetas é habitada por três tribos mansas como todas as anteriores: a Tarumas o Japiis e Tukanos. Vivem na bacia do Couroucouri, não nas margens do rio, mas nas florestas do interior, três outras tribos mansas, Yaous os Neres e Coudouis. Detalhes muito importantes: nenhuma dessas tribos tem canoas. Nas tribos do sul Couroucouri e leste dos Wai Wai, habitam Piannocotes, grande tribo mansa, cujos territórios se estendem para Wai Wai, os Ouayanas (COUDREAU, 1886, p.90-91).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

Um índio fugiu, ele roubou uma das duas montarias de bordo. O chefe do barco, meu amigo José Thomé, perseguiu o engraçadinho dois dias e duas noites. O índio, após se perder entre os rios, não encontrou mais seu caminho e quase morrendo de fome neste deserto, à espreita da passagem do barco, que acabou por reencontrá-lo. José Thomé xingou o fugitivo, mas não bateu nele. Ele lhe disse simplesmente: “eu te executarei esta noite”. Após o jantar, um longo interrogatório iluminado por uma lâmpada de fumaça que deixava mais escura ainda a noite em nosso meio. Censuras severas, depois a execução. Um índio, este em que a lona de pagamento de seu trabalho foi roubada pelo fugitivo, se arma de um ferro de pá e bate nele com grandes golpes na mão do pobre diabo, que uiva de dor e se contorce, mas logo passa a lamentações desoladoras, quando José Thomé lhe inflige, com um ardor crescente, o cruel castigo (COUDREAU, 1896, p.242).<sup>3</sup>

Neste relato, notamos a minuciosa descrição de punição e torturas realizadas para correção, devido à fuga do indígena, logo após esse relato, Coudreau ficou frustrado, pois, mesmo após esses severos exemplos, no decorrer da viagem todos os indígenas a bordo fugiram, deixando ele o dono do barco apenas para se virarem para atingir o destino da viagem. Após a análise desse relato, seguimos tentando compreender os interesses e a nacionalidade do viajante aqui tratado.

Os franceses tinham práticas diversas das dos portugueses na organização das atividades do escambo, pois em vez de fundarem feitorias deixavam um intérprete entre os índios que se encarregava de organizar trabalho e abastecer os navios (ALMEIDA, 2003, p.55).

Coudreau surgiu para inaugurar uma era de exploração territorial na América do Sul, marcadamente de cunho econômico, se interessando muito pela mineração e, por outro lado procurou fazer parte por longo prazo do local que habitou junto dos indígenas, vindo a falecer nas margens do rio Trombetas no estado do Pará em 1899.

Nós atentamos neste artigo também a outros viajantes exploradores que relataram os Wai Wai e rapidamente citaremos como prenúncio para um próximo trabalho outros três viajantes que os relataram como a viúva de Henri Coudreau, Octavie Coudreau (1903) em 1899, que passou rapidamente por eles e os fotografou, fotografias e relatos presentes em seu livro “Voyage au Mapuera”. Na sequência tivemos um aprofundamento maior sobre os Wai Wai com o escocês, John Ogilvie (1942) e o norte americano William Farabee (1924). Ogilvie visitou duas aldeias Wai Wai em 1910 com o objetivo de fazer

---

<sup>3</sup> Tradução do autor.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

fotografias e coleções etnológicas para a Universidade de Harvard e na sequência junto com William Farabee (1924), no final de 1913, este que fez a etnografia dos Wai Wai: Produzindo mapa, localizando a rota dos contatos, descreveu a dança, as bebidas, as etiquetas, caça e a pesca, suas casas, as artes, a cremação na morte, e trouxe mitos sobre a origem da etnia (FARABEE, 1924, pp. 153-181). Também previu o futuro Wai Wai, quando afirmou restarem apenas cinco Wai Wai de sangue puro, alertou se continuasse assim, eles desapareceriam e todos seriam conhecidos no futuro como Tarumas. (FARABEE, 1924). Notamos equívoco, pois o resultado futuro foi justamente o contrário.

Quando Coudreau caiu de cansaço e doença numa aldeia Wai Wai, o chefe apiedou-se dele e disse: “Você não é velho e, no entanto, seus cabelos são brancos, seus olhos são doentios; volte para sua terra. As trilhas da savana e do mato não prestam para o branco” (HOWARD, 2002, p.33). Em sequência relatou sobre a ilusão de superioridade do homem civilizado ao indígena:

Seria uma grande ilusão imaginar que os índios nos consideram superiores. Nossa civilização provoca-lhes espanto e não admiração. Somos seres diferentes, mas inferiores. O índio não precisa de nós, mas nós precisamos dele. Para que ter casas de pedra, roupas complicadas, instrumentos bizarros? Quando estamos a sós com eles, o sentimento que inspiramos com toda nossa superioridade é de desdém compadecido (COUDREAU, 1886, p.125).<sup>4</sup>

Ao se encontrar doente fica sensibilizado e encontra em suas reflexões o sentimento de ilusão no homem ocidental ao se sentir superior ao indígena e demonstra que eles precisavam mais dos índios do que estes deles. Talvez, se Henri Coudreau não tivesse morrido um ano e meio antes na expedição que fazia ao rio Trombetas, a história tivesse sido outra. Na Guiana Francesa e o Amapá, havia entrado em contato com as gentes da terra, envolvendo se inclusive, na controversa proclamação da República do Cunani independente, na fonte de toda crise posterior envolvendo o conflito no Amapá (ROMANI, 2013).

Fernandes e Carvalho (2020, p.15) apontaram a importância do relato do aventureiro francês na configuração de um olhar diferenciado sobre a região, “fruto de um olhar curioso e atento às peculiaridades do homem e da paisagem daquele ambiente

---

<sup>4</sup>Tradução do autor.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

considerado hostil”. Para estes autores a análise destes relatos são necessários para a ampliação do conhecimento sobre o homem e a natureza amazônica.

Para Coelho, Benchemiol e Miranda (2020, p.245): “Coudreau tinha o importante papel de vulgarizar informações através de seus livros editados na Europa. Os intitulados “Viagem ao Tapajós” e “Viagem ao Xingú”, de autoria de Henri Coudreau”. Isto quer dizer, e modificar as informações para atrair o gosto e a atenção de seus leitores na Europa.

Importante também compreender que o viajante explorador francês Henri Coudreau, no primeiro momento na América do Sul, viajou a serviço das colônias marítimas francesas, mas depois passou para o serviço do Governo do Pará. Influenciado pelo mito do “bom selvagem”, pela busca do indígena puro, e prevendo a extinção destes (SOUZA, 2008). Coudreau, por outro lado, foi acusado pelo zoólogo suíço Emílio Goeldi de ser um agente político a serviço da França (SANJAD, 2010). Para Coudreau a salvação futura dos indígenas seria sua miscigenação com o branco. Ele pensava na economia e na importância dos indígenas para o trabalho na agricultura (SOUZA, 2008).

## **Considerações finais**

Por longo prazo, Coudreau, habitou os locais junto aos indígenas, influenciado pelo mito do “bom selvagem”, buscou pelo indígena puro, prevendo a extinção destes. Na Guiana Inglesa e no rio Branco, por exemplo: relatou os Wai Wai como mansos e os reconheceu como uma etnia aristocrática que atrai outras para se fortalecerem, também viajou de Manaus a Boa Vista de Batelão que é uma categoria de barco exclusivo para transportar o gado que podem levar de dez a trinta bois, junto dos indígenas Macuxi do alto rio Branco. Para Coudreau, a salvação futura seria a miscigenação do indígena com o branco, pensava na economia e no trabalho destes desenvolvendo a agricultura. Octavie Coudreau junto de Henri, conviveu com indígenas na região estudada, experiências relatadas em seus livros e mesmo após a morte de seu esposo, deu continuidade ao trabalho etnográfico. Fez parte de uma estirpe de viajantes profissionais a serviço dos interesses de diferentes Estados, mais tarde rompeu com a França e passa a prestar serviço para o governo do Pará no Brasil. Coudreau, reconhecido como agente político

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

colonizador, surgiu para inaugurar uma era de exploração territorial na região amazônica da América do Sul, marcadamente de cunho econômico, a serviço do interesse pela mineração, relatou os povos indígenas da região.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfozes indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

BURKE, Peter. **Partes e artes do cotidiano**. In: Folha de São Paulo, Caderno Mais, São Paulo, 28 de Junho de 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2807200211.htm>>

BURKE, Peter. **Modelos e métodos” e “Teoria e mudança social”**. In: História e teoria social. São Paulo: Unesp, 2002, pp. 39-66 e 181-230.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** / Peter Burke; Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CARDOSO, Pauliany Barreiros. **Relatos de viagens e imagens na construção da história Amazônica nas obras de Jules Crevaux e Henri Coudreau**. In: I Encontro Estadual da Anpuh-AP. Jornada internacional de estudos de História da Amazônia “Diásporas, migrações e territorialidades na Pan-Amazônia, 2014.

CARVALHO, Fábio Almeida; FERNANDES, Maria Luiza; CAMPOS, Sheila Praxedes Pereira. **Sobre viagens, viajantes e representações da Amazônia** / Maria Luiza Fernandes, Fábio Almeida de Carvalho, Sheila Praxedes Pereira Campos, organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

CERTEAU, Michel de. “A Operação Historiográfica”. In: **A escrita da História**/ Michel de Certeau: Tradução de Maria Lourdes Menezes: revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp. 55-106.

COELHO, Matheus Camilo; BENCHIMOL, Alegria; MIRANDA, Elis de Araújo Miranda. **Henri Coudreau e a “vulgarização” amazônica: os índios Juruna, Tapayuna e Parintintin (1895-1896)** Novos Cadernos NAEA • v. 22 n. 3 • p. 245-261 • set-dez 2019.

COUDREAU, Henri A. **Voyage au Rio Branco, aux Montagnes de la Lune, au Haut Trombetta (mai 1884 - avril 1885)**. Rouen: Imprimerie Esperance Cagniard, 1886.

COUDREAU, Henri A. **La France Équinoxiale. VOYAGE. A Travers Les Guyanes et e'l Amazonie**. Paris, Challamel aîné, Éditeur, Librairie Coloniale, 5, Rue Jacob, Et Rue Fubstenberg, 2.1887.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

COUDREAU, Henri Anatole. **Viagem ao Tapajós – Brasil**. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1940.

COUDREAU, H. **Viagem ao Xingú**. Tradução: Eugênio Amado; Apresentação: Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

COUDREAU, Octavie. **Voyage à la Mapuerá**. Paris: A. Lahure Imprimeur- Éditeur, 1903.

FARABEE, W.C. **The Central Caribs**. Philadelphia: The University Museum, University of Pennsylvania, 1924.

FARAGE, NÁDIA. **As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização**. São Paulo: Paz e Terra, ANPOCS, 1991.

FARAGE, Nádia; SANTILLI, Paulo. Estado de Sítio: territorialidade e identidade no Vale do Rio Branco. In: Manuela Carneiro (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo. Companhia das letras, 1992.

FOCK, Niels. **Waiwai, religion and society of an amazonian tribe**. National Museum of Denmark, Ethnographic Series, 8.1963.

HOWARD, Catherine. Domesticação das Mercadorias: Estratégias Wai Wai. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico**. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

OLGIVIE, J. **Aboriginal Indians**. University Museum, University of Pennsylvania, 1942. (Ms.)

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades** / João Pacheco de Oliveira. - Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Os atalhos da magia: reflexões sobre o relato dos naturalistas viajantes na etnografia indígena**. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Sér. Antropol. 3 (2).1987, pp.155-188.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. Amazônia Caribenha: A regionalização, os caminhos históricos e culturais. In: **Dos caminhos aos processos culturais entre Brasil e Suriname**/ organizadores: OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; FERNAND, Andrea Idelga Jubithana. Boa Vista: Editora UFRR, 2014.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **Notas sobre os holandeses na Amazônia no período Colonial**. Revista Textos e Debates. Boa Vista-RR: EDUFURR, Julho a Dezembro de 2006.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

**PARECER DO CONSELHO ULTRAMARINO, 20.12.1695.** In: B & BGB – An., Mem., Br., 1903, I: 30.

RBG (Revista Brasileira de Geografia). **Vultos da Geografia do Brasil – Henri–Anatole Coudreau** – Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Abril/Junho de 1943.

ROMANI, Carlos. **Missões científicas, imperialismo e política externa nas fronteiras com as Guianas.** In: Adilson J.I. Brito; Carlos Romani; Carlos Augusto Bastos. (Org.). *Limites Fluents. Fronteiras e identidades na América Latina (Séculos XVIII-XXI)*. 1ed. Curitiba: CRV, 2013, V.1, pp.135-156.

RÜSEN, JÖRN. “Formas da Historiografia”. In: **História Viva.** Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 1ª reimpressão, 2010, pp. 21-83.

SANJAD, Nelson. **A Coruja da Minerva: O Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)** / Nelson Sanjad, - Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SOUZA FILHO, Durval de. **Os retratos dos Coudreau: índios, civilização e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem” 1884-1899.** Durval de Souza Filho; orientador Mauro César Coelho. Belém, 2008.

SOUZA, Jorge Manuel Costa. **Os Waiwai do Jatapuzinho e o irresistível apelo à modernidade.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.  
TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.